

O «Diccionario de Artes e Offícios» de Gregório José de Seixas

José M. Lopes Cordeiro

De uma forma resumida, poderá dizer-se que uma das condições necessárias para se avaliar o nível de desenvolvimento de uma sociedade, numa determinada época, reside no conhecimento e no domínio que os seus contemporâneos possuíam dos processos tecnológicos subjacentes à produção dos bens que intervêm na esfera de circulação dos produtos.

Durante o Antigo Regime, as inovações tecnológicas então introduzidas nalgumas indústrias eram não apenas guardadas com todo o sigilo, como a sua revelação ou a emigração dos operários que nelas trabalhavam poderiam ser gravemente punidas. Apesar de todos estes obstáculos, os relatos de viajantes ou a própria espionagem industrial, constituíam uma prática corrente, contribuindo não poucas vezes para aquilo que poderíamos considerar uma autêntica transferência tecnológica.

Um outro aspecto desta questão encontra-se relacionado com a compreensão (ou não) pelos governantes da época, da necessidade de se lançarem as bases de uma **cultura científica e técnica**, que servisse de suporte ao desenvolvimento económico então reclamado, ao mesmo tempo que possibilitaria a formação do capital humano indispensável para a prossecução daquele objectivo. Deste modo, principalmente após a segunda metade do século XVIII assiste-se, nos países mais desenvolvidos da Europa (ou naqueles onde o Iluminismo conquistara mais adeptos no poder), ao aparecimento de um vasto conjunto de revistas, dicionários e obras de carácter enciclopédico, entre as quais pontifica a conhecida **Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts e des métiers**, de Diderot e d'Alembert.

Num trabalho recentemente publicado, o seu autor interrogava-se sobre algumas questões que nos parecem essenciais para uma cabal compreensão do impacto produzido por toda essa literatura, em particular de obras como a *Encyclopédie: para além dos bloqueios geralmente focados — políticos e sociais —, que peso se poderá atribuir aos seguintes: preparação técnica, de empresários, técnicos propriamente ditos e operários? A que grupos sociais chegariam as*

*obras de carácter geral como a Enciclopédie, ou mesmo outras de carácter mais especializado?*¹ Tentar encontrar qual o papel efectivo que a **Enciclopédie**, e outras obras semelhantes, desempenharam no nosso país, poderá constituir uma interessante linha de investigação que nos permitirá avaliar o ambiente intelectual existente entre os governantes e no meio empresarial português daquele período, no que respeira aos conhecimentos tecnológicos.

Quanto à divulgação da **Enciclopédie** entre nós, sabe-se que ela se encontrava nalgumas bibliotecas do Reino, após a implantação do Liberalismo. Em relação aos particulares, problema mais difícil de resolver, a consulta dos arquivos da Inquisição poderá fornecer alguns elementos, dado que as suas vítimas eram obrigadas a indicar a constituição das respectivas bibliotecas. Por exemplo, António Julião da Costa, futuro cônsul em Liverpool e um dos pioneiros na introdução da máquina a vapor em Portugal, ao ser denunciado à Inquisição em 1804, revela possuir um exemplar da **Enciclopédie** na sua biblioteca². É também admissível que os estrangeiros vindos para Portugal ao longo da segunda metade do século XVIII, e que estiveram ligados a importantes empreendimentos industriais (Stephens, Locatelli, Ratton, Vandelli, entre outros) tivessem conhecimento daquela obra e de outras do mesmo género. Quanto às obras de carácter mais especializado, e manuais técnicos, temos também conhecimento que um industrial bracarense, proprietário da fábrica de sinos Rebello da Silva, orientava a sua actividade produtiva de acordo com o **Traité Théorique et Pratique des Proportions Harmoniques et de la Fonte de Cloches**, da autoria do abade de Fismes e publicado em França no ano de 1765.

A historiografia contemporânea tem encarado o surgimento do surto industrial pombalino como uma resposta às *dificuldades da crise de ouro e da produção colonial*, e não tanto como resultado de *uma visão antecipada ou um esforço voluntário relacionado com as luzes da Europa*³. Poderá afirmar-se, no entanto, que esse surto industrial beneficiou da divulgação de uma **cultura científica e técnica**, que o despotismo esclarecido procurava então aproveitar, quer pelos técnicos e empresários então contratados, quer pelas obras estrangeiras que naquela época circulavam entre nós. No entanto, a circulação deste conhecimento científico e técnico, para além dos círculos atrás referidos, seria muito limitado, mesmo inexistente, se tivermos em consideração o elevado índice de analfabetismo que grassava entre a população portuguesa da época.

O **Diccionario de Artes e Officios** que Gregório José de Seixas foi encarregado de elaborar pela Portaria de 22 de Setembro de 1812 representa um significativo indicador da existência.

1 MENDES, José M. Amado (1988): A «Enciclopédia» como fonte para a história da indústria no século XVIII, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXIII, Coimbra, p. 90.

2 SANTANA, Francisco (1988): António Julião da Costa, o homem que introduziu a máquina a vapor em Portugal e no Brasil, *História*, Ano X, nº 104, Lisboa, p. 63. Ver também A.N.T.T.: Inquisição de Lisboa; nº 13525, citado por F. Santana.

3 MACEDO, J. Borges de (1951): A situação económica no tempo de Pombal, Lisboa, p. 122 da 2ª edição (1982).

por parte do Estado, de um interesse em acompanhar a produção do conhecimento científico e tecnológico, tal como já há muito se verificava além-fronteiras. O facto de essa determinação régia ter sido tomada numa conjuntura nacional particularmente adversa apenas vem realçar a sua singularidade. Podemos, no entanto, levantar algumas interrogações a esse interesse que a Coroa terá manifestado, dado que a razão apontada para a não edição do **Diccionario** terá sido a falta de meios financeiros⁴, o que apenas se compreende se a iniciativa de o publicar pertencesse exclusivamente a um particular.

Um maior conhecimento de elementos biográficos relativos a Gregório José de Seixas poderia auxiliar-nos a esclarecer as interrogações atrás levantadas. De acordo com João Baptista da Silva Lopes, sabemos que era natural de Silves, onde nasceu a 27 de Janeiro de 1763, e que faleceu em Lisboa, em 27 de Janeiro de 1830. Segundo o mesmo autor, *frequentou a universidade de Coimbra com excellentes credits, vindo a formar-se em medicina, que passou a exercer em Lisboa. (...) Foi incumbido pelo Governo da composição de hum Diccionario das Artes e Officios, em que trabalhou não pouco; mas faltando-lhe os socorros pecuniarios, não foi por diante esta obra tão interessante como necessaria*⁵.

Apesar de não ter conseguido editar o **Diccionario** de cuja elaboração foi incumbido, Gregório José de Seixas legou-nos a tradução parcial de uma importante obra que, segundo ele, resolveu publicar *em quanto não posso colher todas as instruções, que me são indispensaveis para formar o vasto edificio de toda a Industria Nacional*, a qual dedicou ao Príncipe Regente, o futuro D. João VI. A selecção desta obra, a **Introdução à Tecnologia, ou ao conhecimento dos officios mecanicos, Fabricas, e Manufacturas**⁶, de Johannes Beckmann⁷, pelo significado que este autor ocupa na história da técnica e da tecnologia, é bem reveladora dos objectivos que norteavam o pensamento do responsável pela edição do **Diccionario**.

Na *advertencia do editor*, Gregório José de Seixas apresenta algumas ideias que não só nos permitem conhecer melhor a sua personalidade, como os requisitos que ele pretendia preencher com a edição do **Diccionario**. De facto, com a tradução e edição daquela obra, Gregório José de Seixas pretendia apresentar aos seus compatriotas *o grande quadro de tão instrutivo Diccionario* (p. VI), ou seja, as linhas gerais da obra que ele próprio estava encarregado de elaborar.

4 LOPES, João Baptista da Silva (1841): *Corografia ou Memoria Estadistica, e Topografica do Reino do Algarve*, Lisboa, p. 430.

5 *Idem*, pp. 429-430.

6 Gregório José de Seixas apenas publicou os **princípios gerais de tecnologia** tendo, no entanto, anunciado que as 32 artes compreendidas no compêndio de tecnologia do professor de Gottingen iriam ser publicadas em números soltos *para maior utilidade de cada artista*.

7 Johannes Beckmann, catedrático de filosofia e de economia rural em Gottingen, discípulo de Linneo em Uppsala e viajante infatigável, foi quem definiu as bases da «tecnologia», termo de que foi o criador. A sua *Beitrag zur Geschichte der Erfindungen (História das Invenções, Descobertas, e Origens)*, publicado originalmente em Leipzig entre 1780 e 1805, constitui um marco fundamental na história da técnica e da tecnologia.

Destacando o facto de que ao contrário do que se verificava noutras nações, por exemplo, a Inglaterra, que ele via como o *exemplar modelo de toda a industria* (p. VIII), *só em a nossa Peninsula (talvez que pela sua fertilidade, e espirito guerreiro) vemos huma grande falta desta casta de obras* (p. IX), Gregório José de Seixas justificava a edição da **Technologie** de Beckmann para que os seus compatriotas se convencessem da *possibilidade de huma união systematica das Artes praticas com as Sciencias especulativas* (p. X). Não deixa de ser interessante assinalar já naquela época a existência de uma preocupação em eliminar a tradicional barreira entre a teoria e a prática. Aliás, ela manifesta-se também noutros autores coevos, como José Bonifácio de Andrada e Silva⁸ que, segundo Ruy Gama, talvez tenha sido o primeiro a utilizar a palavra «tecnologia» em português⁹.

Em 1813, Gregório José de Seixas apenas possuía *sete respostas de alguns dos cincoenta e sete Offcios*¹⁰, *que entrão na Casa dos Vinte e Quatro desta Cidade de Lisboa* (p. X). Também não lhe tinham sido ainda entregues os *mappas do Estado actual das Fabricas, Manufacturas do Reino* (p. X)¹¹, para a elaboração dos quais terá contado com a colaboração dos Governadores do Reino, o que, a ter-se realizado, constituiu um autêntico inquérito industrial.

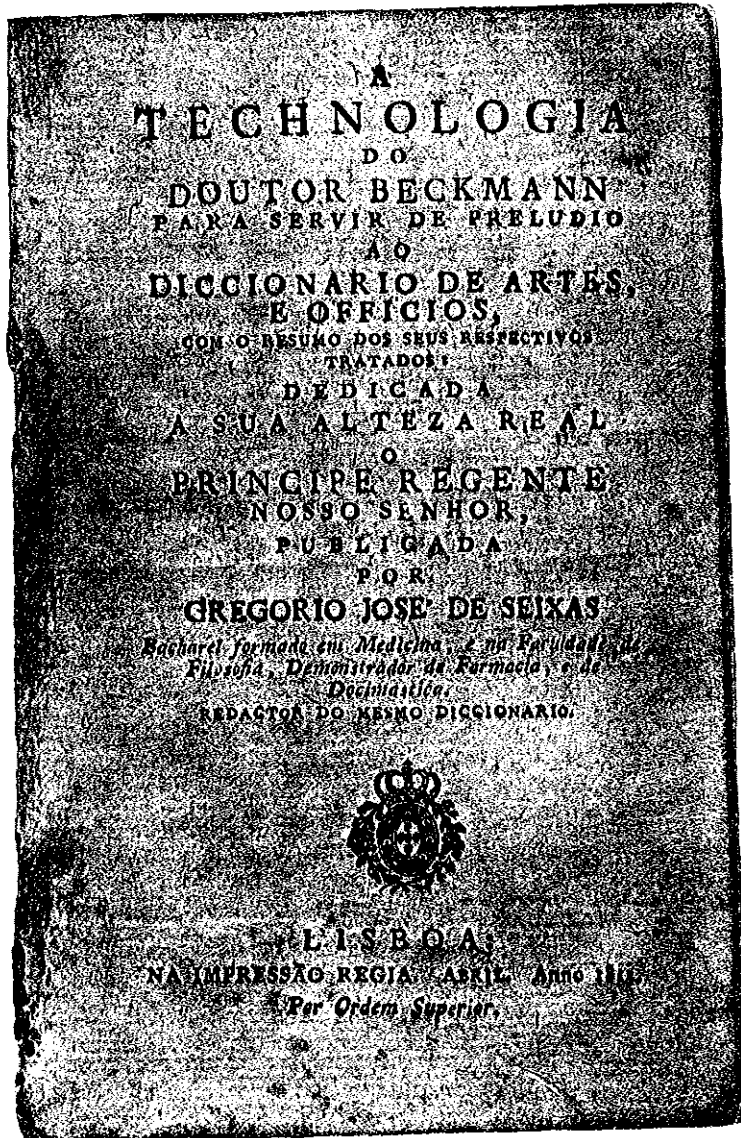
Os elementos que actualmente dispomos sobre o **Diccionario** de Gregório José de Seixas não nos permitem avançar noutras interpretações. Se a não edição daquela obra resultou da falta de meios financeiros, da recusa de colaboração, ou de qualquer outro motivo, são questões em relação às quais só a investigação futura poderá responder.

8 SILVA, J. B. Andrada e: Memória sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal.

9 GAMA, Ruy (1983): *Engenho e Tecnologia*, S. Paulo, p. 39.

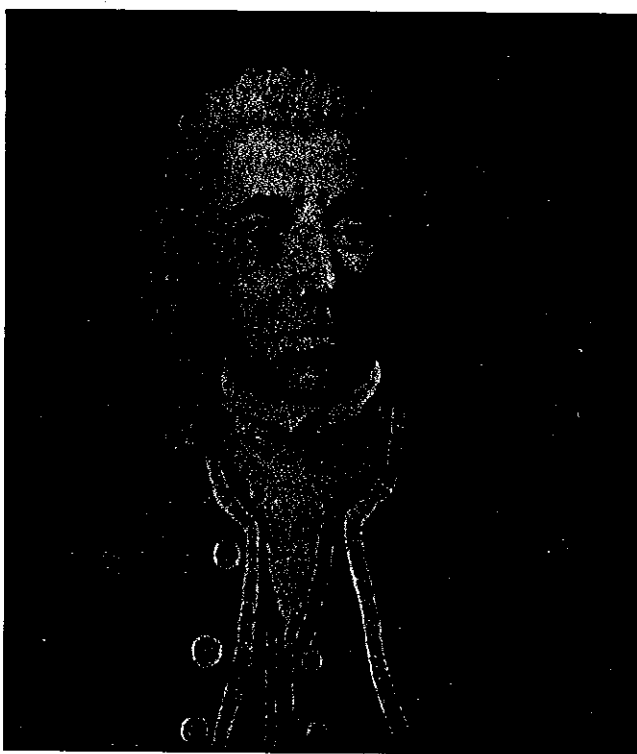
10 Ao dirigir o seu inquérito às Corporações o autor testemunha uma vez mais, a importância que aquelas ainda assumiam na estrutura industrial portuguesa dos finais do Antigo Regime.

11 Importaria saber se existia alguma relação ou contacto entre Gregório José de Seixas e a Junta do Comércio a qual tinha já encarregado José Acúrsio das Neves de elaborar um mapa estatístico das «fábricas estabelecidas na cidade de Lisboa e comarcas do Reino», e que aquele apresentou nas suas «Variedades sobre objectos relativos às Artes, Comércio e Manufacturas consideradas segundo os princípios de Economia Política», vol. I, pp. 181-219. Parece existir aqui uma duplicação de iniciativas coincidindo no tempo, dado que os elementos recolhidos por Acúrsio das Neves abarcam o período compreendido entre 20 de Setembro de 1811 e 29 de Julho de 1813. Há, no entanto, um aspecto comum a salientar que foi o de ambos terem tido dificuldades em obter a colaboração solicitada aos magistrados locais.



Fac-simile da folha de rosto do «dicionário» (Esc. 1:1).

ESTAMPA II



Johann Beckmann 4.6.1739—3.2.1811